



"Educação como prática de Liberdade":
cartas da Amazônia para o mundo!

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ (UFPA)
SET-OUT 2021

ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

9735 - Resumo Expandido - Trabalho - 40ª Reunião Nacional da ANPEd (2021)

ISSN: 2447-2808

GT24 - Educação e Arte

Corpo, linguagem e partilha do sensível: estudos sobre o Teatro-imagem na formação estética e política de professores

Andrea Penteado de Menezes - UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro

Cilene Nascimento Canda - UNIVERSIDADE FEDERAL DE BAHIA

Verônica Domingues Almeida - UFBA - Universidade Federal da Bahia

Agência e/ou Instituição Financiadora: CAPES/Bibid

Corpo, linguagem e partilha do sensível:

estudos sobre o Teatro-imagem na formação estética e política de professores

Resumo

Apresentamos um estudo sobre o Teatro-imagem como recurso artístico-pedagógico do Teatro do Oprimido em experiências de formação de pedagogos/as ocorridas no âmbito do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência, em uma universidade federal brasileira. A pesquisa participante focalizou dois aspectos: 1. a discussão sobre corpo como linguagem em processos de criação artística; 2. a formação estética e política por meio de experiências de Teatro-imagem com estudantes de Licenciatura em Pedagogia. O Teatro do Oprimido foi adotado como experiência de teatro popular e caminho estético formativo de sensibilização corporal, provocação dos sentidos e leitura crítica dos conteúdos produzidos pela sociedade. Como resultados, percebemos que a experiência potencializou os processos formativos políticos e estéticos dos/as estudantes, mediante atos de criação artística e de reconhecimento de si, ressignificando o olhar habitual do sujeito sobre a realidade cotidiana e colocando-o em um lugar de repensar essa realidade, recriando-a.

Palavras-chave: Teatro do Oprimido; Teatro-imagem; Formação Estética de Professores.

Abrindo a cena

O diálogo entre o Teatro e a Educação vem ganhando terreno no campo da pesquisa em Artes e em Ciências Humanas, reivindicando seu lugar de potência em processos de formação. Nessa perspectiva, Fernandes (2011) investiga correntes teóricas e hibridismos que norteiam estudos sobre corpo e corporeidade, transpassando conceitos como performance, teatralidade, imagem e contribuindo para a ampliação da produção de conhecimentos no campo da educação estética. Entretanto, com a perseverante mitificação da ciência enquanto

lugar da verdade, os sistemas educacionais tendem a não investir na formação integral dos sujeitos, “com todas as implicações sensoriais e sensíveis que isto acarreta” (DUARTE JR, 2001, p. 164), restringindo-se a uma formação estritamente intelectual e/ou focada no atendimento às exigências do mercado de trabalho.

De um modo geral, os/as estudantes tendem, então, a se relacionar no mundo, prioritariamente, com o uso de uma intelectualidade e de uma razão operacional restrita, que limitam os potenciais sensíveis e impedem que ativem, alimentem e mobilizem ideias, ações e projetos criativos. Nesse cenário, “o corpo progressivamente se submete a restrições que são, de modo simultâneo, de ordem epistemológica e produtiva” (DUARTE JR, 2001, p. 48), adaptando-se a um sistema educativo que não atende à natureza e à sensibilidade humanas, mas a uma lógica de mercado capitalista que impera na contemporaneidade.

Do ponto de vista de uma formação crítica, Mézarós (2008, p. 53) situa a aprendizagem-como construção que se estabelece nas relações com a vida e com o mundo, afirmando que “(...) esses processos não podem ser manipulados e controlados de imediato pela estrutura educacional formal legalmente salvaguardada e sancionada” e defende uma educação que possibilite aos/às educandos/as enxergarem-se a si próprios em suas potencialidades. O autor advoga em favor de uma educação que forme o sujeito político, capaz de pensar, sentir e agir, em um processo de transformação radical do modelo econômico e político hegemônico.

Ao potencializarmos a indissociabilidade entre cognição e sensibilidade, refletimos sobre atos de criação corporal e de (trans)ver o mundo, subvertendo a lógica instituída, como atos de formação de professores. Destacamos, nesse sentido, o jogo teatral como ato metodológico primordial do ensino de teatro, como “um recurso contra condutas rotineiras, ideias preconcebidas, respostas prontas para situações novas ou medos antigos” (RYNGAERT, 2009, p. 60). Propor outras perspectivas de estar-juntos e de construir novas paisagens de vida social, nos mobiliza nesse debate. Partimos de estudos e experimentações sensíveis e corporais, que vão além de uma dimensão meramente teórica e instrucional, para alcançarmos possibilidades de formar professores em ambiências de jogo que se lançam no sentido de emancipação sensível, corporal e crítica.

Entendemos o espaço cênico como experiência estética favorável à leitura das imagens sociais, expressas nos corpos dos atuantes, e como ambiência formativa engendrada pela estética, a um só passo, como ato sensível e ato político, ao modelo do que propõe Rancière (2005, p. 11), ao abordar uma política composta por “atos estéticos como configurações da experiência, que ensejam novos modos de sentir e (que) induzem novas formas da subjetividade política”. É nessa dimensão que consideramos que a formação de professores deve abranger campos de conhecimento cada vez mais ampliados, não se restringindo a conteúdos técnicos e pedagógicos apresentados apenas teoricamente e oportunizando espaços/tempos de experiências que provocam sentidos compartilhados e novas possibilidades de formação política.

Tendo introduzido essas reflexões, salientamos que em nossa pesquisa, de cunho participante (BRANDÃO; STRECK, 2006), identificamos e mapeamos novos modos de reflexão, ação e formação, versando sobre dois aspectos: 1. a discussão sobre corpo como linguagem e os processos de criação artística; 2. a formação estética e política por meio de experiências de Teatro-imagem com estudantes de Licenciatura em Pedagogia. Vale apontar que, na investigação, esses dois aspectos foram compreendidos de modo interligado tendo em vista a complexidade própria dos processos de formação de pessoas.

Teatro-imagem, corpo e linguagem na formação

O debate sobre corpo, arte e educação, no âmbito do Teatro do Oprimido (T.O.), oportuniza-nos entender, como diria Boal (2009, p. 50), que “os sentidos são enlace entre corpo e subjetividade, caminhos da inserção do indivíduo na sociedade – primeiras fontes de opressão e de libertação”. Isto nos leva à compreensão de que o corpo tanto é formado por experiências sociais e educativas como, também, nos permite a compreensão de que os sentidos são fonte de cognição e meios pelos quais selecionamos e acessamos o mundo; e a arte é o que nos permite sair do óbvio, deslumbrar outros horizontes e iluminar o oculto como pontes para novas criações.

Reconhecendo essa potência estético-teatral, trabalhamos, entre os anos de 2018 e 2020, com uma turma de quinze estudantes de Licenciatura em Pedagogia, ligados/as ao subprojeto “Arte, Educação e Infâncias”, do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID). Em nossa proposta, apoiadas no Teatro do Oprimido, adotamos a técnica do Teatro-imagem como instrumento de produção de conhecimentos e caminho de educação política e estética, em formato de oficinas de jogos e exercícios cênicos, com carga horária de 12 horas.

Os exercícios tiveram como princípios a improvisação e a reflexão crítica que “provoca o sujeito a reagir, seja no interior da proposta que lhe é feita, seja em torno da proposta, explorando amplamente a zona que se desenha para ele, segundo o modo como sua imaginação é convocada” (RYNGAERT, 2009, p. 90 e 91). Visamos, deste modo, experimentar possibilidades de formação política e estética de docentes, recorrendo ao teatro como artefato didático de ampliação das formas de apreensão, reflexão e de subjetivações.

Dentre os jogos propostos, iniciamos com as “andanças” pelo espaço físico da sala de aula, recriadas em diversos espaços ficcionais. Foram experimentadas variações de formas de andar com diferentes ritmos, desde o de uma criança, a um idoso, ou um atleta a um enfermo, como exemplo. Os jogos criaram situações imaginárias de ações físicas como andar no gelo, nas nuvens, no lixo, no córrego poluído e outras variantes. As imagens produzidas são fruto das experiências de mundo e se traduzem como linguagem criadora capaz de expressar e refletir sobre a realidade, como coloca Freire (1981, p. 53) “somos seres [...] capazes de realizar a complexa operação de, simultaneamente, transformando o mundo através de nossa ação, captar a realidade e expressá-la por meio de nossa linguagem criadora”.

Dando prosseguimento às leituras das imagens, exercícios diversificados de massagens e de marionetes foram propostos, estimulando o toque e a comunicação sensorial entre os participantes e oportunizando a expressão corporal e leituras partilhadas. O investimento no toque corpóreo proporciona vínculos, provoca situações de estesia, como no caso das massagens que geram um clima de prazer, de ativação sensorial, em um estado de relaxamento necessário à atuação no jogo teatral, conforme revelado no depoimento:

A massagem me tocou muito (*risos*), essa questão da presença física... Eu tenho dificuldade de me concentrar nas aulas, não sei se sou hiperativa; mas com a massagem, o aquecimento e também os exercícios mais elaborados de Teatro-imagem eu fico atenta, ligadona mesmo, pronta para ação, ou para o debate pelo menos. (Licenciando/a em Pedagogia, bolsista PIBID, 2019).

Em seguida, passamos à análise de imagens sociais e políticas encontradas no cenário da educação brasileira, mediante a proposta de fotografar uma situação social, por meio da representação corpórea improvisada pelos participantes. Os/as estudantes elegeram “Educação em tempos de fascismo” como tema gerador para a representação imagética de atos vividos nas escolas públicas no âmbito do PIBID, como também na universidade, ora representando situações de opressão, medos e angústias pessoais, ora contrapondo-se à realidade encontrada.

Considerando o anúncio de Freire (1981, p. 10) a respeito de que estudar e formar professores “não é um ato de consumir ideias, mas de criá-las recriá-las”, o grupo se lançou ao debate ao criar suas imagens, apresentando-as de forma estática, fotográfica e em silêncio, despertando o surgimento de ideias recriadas coletivamente. Ao trabalharmos com Teatro-imagem, criamos imagens, signos, metáforas de representação do real e “nos afastamos da realidade em si para vê-la em sua imagem, que nos possibilita ampliar a visão de todo acontecido. Podemos ser espectadores de nossa própria história em sua representação” (SANTOS, 2016, p. 203).

A imagem da realidade cotidiana é entendida como situação que ocorre no contexto social, marcado por alguma forma de injustiça e “pedagogicamente, a medida do valor da experiência está na percepção dos relacionamentos a que conduz, indica para algo ou tem significado” (KOUDELA, 2004, p. 30). Repleta de significação, a leitura da imagem é problematizadora por provocar os sujeitos a pensarem sobre o que viram, por meio da cena estática como um fragmento da realidade, imagem e signo representativo do real. O depoimento a seguir apontam indícios dessa formação problematizadora:

É uma outra forma de educar, né? Os exercícios mostram que é possível ensinar e provocar reflexões com metodologias ativas e participativas. (Licenciando/a em Pedagogia, bolsista PIBID, 2019).

Realçamos o potencial pedagógico do Teatro-imagem, por entendermos que a leitura da imagem é um ato que desempenhamos a todo o tempo e que necessita de uma formação sensível e política para a sua problematização. O pensamento é imagético e sensível, sem fragmentação, pois, como aponta Boal (2009), pensamos em imagens, em sons. Pensamos o som da palavra e, depois, a imagem que a palavra nos traz. Esse aspecto foi percebido pelos/as estudantes no contexto de sua formação, conforme destacado no depoimento a seguir:

Eu acho que preciso mais disso. O mundo hoje é feito de imagens. A nossa educação ainda não aprendeu a trabalhar com imagens. (Licenciando/a em Pedagogia, bolsista PIBID, 2019).

Assim, o Teatro-imagem apresentou-se como meio de mobilização de conhecimentos prévios da realidade, de expressão, comunicação criativa e de reflexão crítica por parte dos/das estudantes. O depoimento confirma tal afirmativa, ao questionar a necessidade de maior investimento em leituras para além da palavra no campo da educação, uma vez que o mundo é composto por uma diversidade de imagens, tão pouco refletidas e trabalhadas em contextos de formação de professores.

Considerações finais

No processo formativo do Teatro do Oprimido, o sujeito se vê no lugar da encenação e tende a participar para mudar o que está sendo apresentado, como metáfora da vida real; efetua-se um exercício de olhar para si, para o outro e para a realidade, ora mudando a si mesmo, diante de situações de conflitos e injustiças sociais, ora intervindo concretamente na realidade. Com o uso do Teatro-imagem, buscamos estimular a atitude questionadora perante situações de discriminação e exclusão encontradas em sociedades com profundas contradições sociais. No Teatro-imagem, como dispositivo pedagógico, a cena, enquanto espaço estético e político, possibilita a reflexão e estimula a atitude crítica sobre o próprio processo formativo.

Nesse escopo, apresentamos alguns resultados da pesquisa: 1) O Teatro-imagem aguça leituras repletas de significados; 2) A participação ativa e coletiva dos sujeitos aciona a interpretação crítica da realidade; 3) A experiência de criar imagens desperta os corpos e auxilia na reflexão crítica sobre o processo de formação estética e política de professores. Na pesquisa participante, percebemos que o Teatro-imagem potencializou os processos formativos políticos e estéticos dos/as estudantes, através da compreensão do corpo como linguagem, em íntima relação com processos de criação artística e de reconhecimento de si.

O Teatro-imagem, como experiência estética e política, auxilia na ressignificação do olhar habitual do sujeito sobre a realidade cotidiana, colocando-o em um lugar de repensar essa realidade, recriando-a. Por fim, acreditamos que esse estudo possa contribuir para a produção de novos saberes e experiências de Teatro do Oprimido no campo da formação de professores.

REFERÊNCIAS

BOAL, Augusto. **A estética do oprimido**. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.

BRANDÃO, Carlos; STRECK, Danilo. (Org). **Pesquisa participante: a partilha do saber**. Aparecida, SP: Ideias & Letras, 2006.

DUARTE JR, João Francisco. **O sentido dos sentidos: a educação (do) sensível**. Curitiba: Criar Edições, 2001.

FERNANDES, Sílvia. **Teatralidade e performatividade na cena contemporânea**. Revista Repertório, Salvador, nº 16, p.11-23, 2011.

FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade**. 5ª ed. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1981. 149 p.

KOUDELA, Ingrid D. **Jogos teatrais**. São Paulo: Perspectiva, 2004. Série Debates, nº 189.

MÉZÁROS, István. **A educação para além do capital**. Trad. de Isa Tavares. 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2008. (Coleção Mundo do Trabalho.).

RANCIÈRE, Jacques. **A partilha do sensível: estética e política**. tradução de Mônica Costa Netto. São Paulo: EXO experimental org. Ed. 34, 2005.

RYNGAERT, Jean-Pierre. **Jogar, representar: práticas dramáticas e formação**. São Paulo: Cosac Naify, 2009.

SANTOS, Bárbara. **Teatro do Oprimido**: raízes e asas – uma teoria da práxis. Rio de Janeiro: IbisLibris, 2016.